

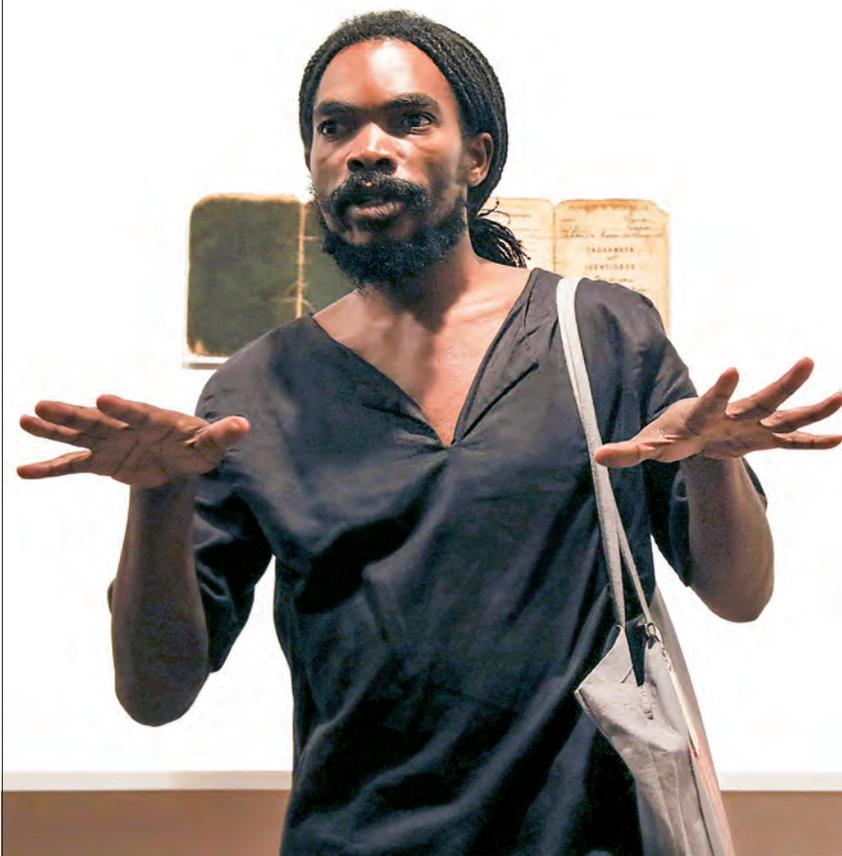


Estados Unidos da América O “valor estratégico” dos exames de português

Pág. 2/3

A residência artística em “formato aberto” de Félix Mula

Pág. 2/3



Portugal
nas feiras do
livro de Bogotá
em abril e de
Leipzig em 2021

Pág. 4

Estados Unidos da América

O “valor estratégico” do exame NEWL de português

❗ A elaboração das provas de língua portuguesa, na sua variante europeia, que vão ter lugar pelo segundo ano consecutivo nos Estados Unidos da América (EUA), a 26 de abril próximo, no quadro dos exames nacionais em línguas estrangeiras (*National Examinations in World Languages* – NEWL), promovidos pelos *American Councils for International Education* (AC), estão a ser apoiados pela primeira vez pelo Camões, I.P.

Só em 2017 os NEWL – que já compreendiam exames em diversas outras línguas – passaram a contar com o exame de português nas suas variantes europeia e brasileira.

As inscrições para o exame de português no quadro dos NEWL de 2018 estão a decorrer até 31 de março, junto dos centros de exames nos estabelecimentos de ensino aprovados pela entidade promotora.

O exame, que é realizado em linha (*online*), “tem como enorme vantagem o facto do seu resultado se poder converter em créditos adicionais no acesso dos alunos às universidades americanas”, segundo explica João Caixinha, Coordenador



do Ensino Português (EPE) nos EUA. Para essa aceitação, refere, conta o facto de ser promovido pelos AC e reconhecido pelo programa de *Advanced Placement* do *College Board*.

Segundo os AC, “os resultados do NEWL já foram aceites por várias universidades de prestígio, incluindo a Universidade de Maryland, a Universidade DePaul, a Universidade de Purdue, a Universidade de Cornell e outras”. “Um número crescente de estados também aceita os resultados do NEWL como uma medição válida de proficiência para o *Seal of Bilingualism*.”

“Este sistema já existia para uma série de outros idiomas, tendo a sua extensão ao português im-

plicado uma luta de vários anos”, acrescenta o Coordenador da rede EPE nos EUA. “O valor estratégico deste exame (...) é óbvio, ao permitir pôr cobro a uma desvantagem, que não se compreendia, face a outros idiomas – alguns deles bem menos falados do que o nosso – e, simultaneamente, mobilizar muitos mais alunos, nos EUA, para a aprendizagem da língua que todos partilhamos”, declara o Coordenador.

Para que esse resultado seja alcançado, “é necessário fazer chegar a informação ao maior número possível de interessados, sobretudo às escolas secundárias do ensino público e às universidades”, diz ainda João Caixinha.

MEMORANDO

O apoio à elaboração de itens de português europeu para o exame NEWL de 2018 está a ser prestado através da Divisão de Programação, Formação e Certificação da Direção de Serviços de Língua e Cultura do Camões, I.P., em articulação com a Coordenação do Ensino Português nos EUA, assegurada por

João Caixinha e pelo Coordenador Adjunto José Adão.

Este apoio decorre da assinatura a 18 de janeiro passado de um Memorando de Entendimento (MdE) entre o Camões, I.P., representado pelo embaixador de Portugal nos EUA, Domingos Fezas Vital, e os AC, na pessoa de Dan Davidson, presidente emérito da instituição norte-americana.

No MdE, as duas entidades concordaram em colaborar em diversas áreas que beneficiem as missões de ambas as organizações no que respeita ao estudo e ensino de língua e cultura portuguesas, nomeadamente trabalhando “em conjunto para fortalecer a consciencialização pública sobre os programas e atividades educacionais de ambas as organizações, incluindo o exame nacional de línguas estrangeiras (NEWL), em português e noutras línguas”, e “no reconhecimento dos resultados dos exames NEWL pelas faculdades ou universidades afiliadas”.

A colaboração estende-se também à página oficial do Camões, I.P. (“uma ferramenta versátil para aprendentes e educadores ligados ao

ensino e aprendizagem de português”), ao “apoio ao desenvolvimento profissional de professores” e à “expansão e melhoria da educação em língua portuguesa nos EUA”.

OUTROS APOIOS

Para além do suporte na elaboração de itens de português europeu para o exame NEWL de 2018, o essencial do apoio do Camões, I.P., este ano, no âmbito do MdE, traduz-se na atribuição aos AC de uma verba de 4 mil euros, metade para apoiar os custos das propinas de estudantes portugueses ou luso-americanos que se candidatem ao exame de português NEWL e outra metade para apoiar a participação de professores de português nas oficinas de trabalho de desenvolvimento profissional, promovidos pelos AC/NEWL e que terão lugar no final do verão ou no início do outono de 2018, indica João Caixinha, que refere ter já sido concedida – numa base de *first come, first available* – a verba para o apoio financeiro a alunos que se queiram inscrever neste exame.

O exame avaliará as competências dos alunos, nas seguintes componentes: compreensão de textos (*Reading Comprehension* – 60 minutos), compreensão oral (*Listening Comprehension* – 45 minutos), apresentação escrita (*Presentational Writing* – 30 minutos) e conversação (*Interpersonal Listening/Speaking*

A residência artística em “formato aberto” de Félix Mula

❗ Ele há residências e residências. Pelo menos é o que se depreende das afirmações de Félix Mula (Maputo, 1979) – apresentado frequentemente como fotógrafo, mas que fica “à vontade” na “família das artes plásticas” –, primeiro vencedor, em 2015, do programa de residências para criadores moçambicanos de artes visuais e fotografia em Lisboa, criado ao abrigo de um protocolo de cooperação entre a Câmara Municipal (CML) da capital portuguesa e o Camões/Centro Cultural Português (CCP) em Maputo, e que já vai na sua 4ª edição.

Depois de Félix Mula, de Euridice Kala (Maputo, 1987) e de Mário Macilau (Maputo, 1984), o artista visual Jorge Dias (Maputo, 1982), mentor do MUVART (Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique) e diretor e docente na Escola Nacional de Artes Visuais, em Maputo, vai estar este ano, em maio, em Lisboa, depois ter sido o vencedor do concurso para a edição de 2018 do programa de residências.

Este programa, que se traduz numa estadia em Lisboa, apoiada pelo município, de um artista visual/fotógrafo daquele país da costa oriental africana, funcionou como detonador de um outro programa – também ele objeto de um protocolo entre a CML e o Camões, I.P. – de residências artísticas na área

da dança, que já levou em 2017 a Lisboa a coreógrafa cabo-verdiana Sara Estrela (que por estes dias apresenta o resultado do seu trabalho) e à Praia a coreógrafa portuguesa Sara Anjo.

O Camões/CCP de Maputo desenvolveu também na mesma linha, em 2015 e 2016, um programa de residências artísticas com a Fundação de Serralves, intitulado ‘de Porto em Porto’, que na sua primeira edição abordou a dança e a música e na segunda as técnicas expositivas.

O PROJETO DAS CANTINAS

Quando perguntam ao vencedor do Prémio *Novo Banco Photo* de 2016 “qual é a importância das residências artísticas”, Félix Mula admite que a mudança de espaço físico e os novos contactos e experiências sejam estimulantes para o artista visual/fotógrafo. Afinal, diz, “é muito empobrecedor para um artista estar sempre em casa e ser tomado pela rotina, enquanto pelo mundo, as artes sendo elas muito dinâmicas, está tudo sempre a mudar”. Mas, ressalva, “também depende do formato das residências”. “Algumas propõem formatos fechados, quase que de dívida: esteve na residência, obrigatoriamente no fim é exigida uma exposição. Essas, não tenho apreciado. Gosto das que a exposição ou qualquer outra forma de apresentação saiam por si”, explica.



FOTO: INICORIOSA / USA

Ser uma residência em “formato aberto” funcionou precisamente para Félix Mula como motivação para concorrer em 2015 à Residência Artística para Artes Visuais e Fotografia em Lisboa/Portugal. Entre outras motivações, claro, entre as quais está o facto de ele já estar a desenvolver em Maputo um projeto “que, para dar um salto, sentia a necessidade de viajar para Portugal”. Mas o ser “um formato aberto e que acolhe mesmo projetos ainda no processo de pesquisa”, foi importante para ele, porque “não

tinha ideia se, depois dos 35 dias da residência, teria material para uma exposição”. “Então senti-me muito à vontade, trabalhando sem tanto pensar na parte final da ‘pesquisa’”.

E que projeto foi esse que Félix Mula trouxe a Lisboa? Define-o como um projeto “misto”. Por um lado, “continha muitas questões desenvolvidas, primeiro entre a Ilha da Reunião, onde também estudei, r Moçambique e [que], por fim, continuaria em Portugal”. Por outro “tinha dois aspetos pontuais: (1) uma tentativa de busca

de nomes de proprietários das cantinas (lojas), localizadas ao longo da estrada nacional número 1”, apenas no troço Maputo – Xai Xai; (2) “tentar localizar família Lee, de origem chinesa, que trabalhou com o meu pai e, que quando o país ficou independente decidiu ir viver para Portugal”.

Muitas cantinas, que vendiam quase de tudo durante a era colonial, foram abandonadas quando da independência de Moçambique, proclamada a 25 de junho de 1975, “pois a maioria dos proprietários eram portugueses e com a chegada da independência abandonaram o país (Moçambique) por razões de vária ordem”. “E, tendo eu nascido depois da independência, sempre fui tentado em saber: quem eram os donos? Como é que funcionavam as cantinas? Onde estavam os donos? As respostas destas perguntas me faziam pensar em viajar para Portugal”.

PRÉMIO

“Em Portugal tive que andar à procura de instituições que guardam documentos/arquivos da história dos cantineiros (proprietários das lojas) em Moçambique. Também tentava procurar pelas pessoas que estiveram a residir em Moçambique na era colonial, visitava cemitérios, procurando os nomes que tinha na lista, mas sem esperança de muitos sucessos, apenas

Exames Um projeto de médio e longo prazo

Um total de 55 alunos de dez escolas secundárias norte-americanas (de seis Estados) fez o exame de português no âmbito dos exames nacionais em línguas estrangeiras (*National Examinations in World Languages* – NEWL) de 2017, segundo informação dos *American Councils for International Education* (AC).

O Coordenador do Ensino Português (EPE) nos Estados Unidos da América (EUA), João Caixinha, faz um balanço do exame de português de 2017 “bastante positivo”, considerando embora que o número de alunos que o realizou, a nível nacional, esteve “muito longe do potencial existente”, o que atribui ao facto de ter sido “uma primeira experiência”.

Dos examinados de 2017, 68% receberam uma pontuação de ‘5’, 20% receberam ‘4’ e 10% receberam ‘3’. “As universidades geralmente concedem créditos ou posicionamento avançado para pontuações AP [do

programa *Advanced Placement*] de nível ‘3’ ou superior”.

Cerca de 80% dos examinados eram falantes de herança, com pais de língua portuguesa. No entanto, os examinados que não tinham o português como língua de herança “também apresentaram um bom desempenho, com mais de metade recebendo um ‘4’ ou ‘5’, e nenhum com resultado inferior a ‘3’.

João Caixinha, para quem a questão da certificação das aprendizagens de português e a sua valorização curricular “é um projeto para o médio e longo prazo”, considera necessário que “mais alunos se inscrevam” e que “mais escolas abram centros de exame”.

“Geralmente, são os alunos *seniors* (*Grade 12*) que mais se interessam por este exame, porque estão na iminência de concorrer às Universidades, mas sabemos de alunos dos *Grades 9, 10 e 11*, que, o ano passado também a ele

concorreram”, afirma João Caixinha.

Do contacto dos AC e da Coordenação da rede EPE-EUA com Jamie Leite, do *Board of Education* do Estado do Utah, 250 alunos farão o exame NEWL de português em 2021. O Utah já anunciou e publicitou o exame nas suas escolas e estão a preparar os alunos para essa avaliação.

Os responsáveis, diplomáticos, consulares e educativos portugueses nos Estados Unidos “têm apelado ao apoio dos restantes países da CPLP [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa] com representação diplomática neste país, nesse sentido, através de uma divulgação tão ampla quanto possível junto das comunidades de expressão portuguesa e também dos órgãos de comunicação social locais”.

Têm atuado também “junto das comunidades educativas (escolas portuguesas comunitárias, escolas públicas americanas e departamentos de universidades americanas onde se ensina a língua portuguesa), movimentos associativos e clubes portugueses, órgãos de comunicação social”. Um comunicado de imprensa foi amplamente divulgado.

Cátedra Cunha Rivara da Universidade de Goa Ensaios de professores convidados vão ser publicados



Um livro de ensaios “essencialmente produzidos pelos professores convidados” que deram aulas no âmbito da Cátedra Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, cátedra de estudos portugueses da Universidade de Goa (UG), criada em novembro de 2016, vai ser publicado até final deste ano.

A informação é prestada por Delfim Correia da Silva, leitor de língua e cultura portuguesa, diretor do Centro de Língua Portuguesa de Goa e *chairman* da comissão organizadora de 3 elementos que dirige a cátedra, seguindo o modelo das outras cátedras atualmente em funcionamento na UG.

Uma versão digitalizada deste livro estará também disponível na página da Internet do Camões, I.P., indica o docente português em Goa, que recorda ter sido apresentada, em janeiro de 2017, durante a visita a Goa do primeiro-ministro português, António Costa, a tradução inglesa de *Sem Flores Nem Coroas* do escritor Orlando da Costa, o primeiro projeto editorial da Cátedra Cunha Rivara, liderado por Isabel Santa-Rita Vas, membro da comissão organizadora.

O *Chairman* refere que “a cátedra tem como principal objetivo promover os estudos indo-portugueses, numa perspetiva comparativista, abrindo novos horizontes e linhas de investigação que facilitem, a partir de 2019, a criação de um programa de doutoramento em português na UG”.

Criada pelo Camões, I.P. na UG, através de um protocolo assinado a 7 de abril de 2016, válido por um período de 3 anos académicos, a Cátedra Cunha Rivara prosseguiu o seu segundo ano de atividades em janeiro último, com a participação de Susana Sardo, etnomusicóloga e professora associada na Universidade de Aveiro.

Para além do curso *Lusosonia – Post-colonial cartographies on sounds and memories*, que

decorreu de 15 a 23 de janeiro passado, Susana Sardo, coordenadora do pólo do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-MD) na Universidade de Aveiro, apresentou o projeto da criação de um portal com a base de dados *GEMM (Goan Encyclopedia of Music and Musicians)*.

Em fevereiro, Hugo Cardoso, professor no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa visitou também ele pela segunda vez a Universidade de Goa, tendo lecionado o curso *Methods of Language Documentation*.

No dia 12 de fevereiro 2018, na conferência pública *A Digital Archive of Sri Lanka Portuguese*, realizada no Centro de Língua Portuguesa do Camões, I.P., em Pangim, Hugo Cardoso apresentou o projeto de documentação linguística digitalizada que desenvolve no Sri Lanka. Idêntico projeto deverá levado a cabo em Goa pelo investigador português e por colaboradores indianos.

Colaboram ainda nos trabalhos da cátedra os professores convidados, Ângela Barreto Xavier (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa), Amélia Polónia (CITCEM- FLUP, Universidade do Porto) e Walter Rossa (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra).

No primeiro ano de atividades da Cátedra Cunha Rivara frequentaram os diversos cursos oferecidos, 143 alunos, na sua maioria estudantes da universidade, mas também investigadores e estudiosos indianos.

Em 2017-2018, inscreveram-se no Departamento de Português e Estudos Lusófonos 19 alunos no M.A. (Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas) e quase três centenas em cursos opcionais e cursos livres de língua portuguesa.

– 30 minutos). A prova tem uma duração total de 3 horas, compreendendo um intervalo de 15 minutos entre as duas primeiras componentes e as duas últimas.

Quanto aos níveis de proficiên-

cia, os exames NEWL seguem as orientações do *American Council of Teachers of Foreign Languages* (ACTFL) e situam-se entre os níveis *Novice High* e *Intermediate High*, o que quer dizer, segundo o

Coordenador da rede EPE nos EUA, que se situam entre os níveis A1 e B1, os três primeiros níveis (em cinco) do Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro (QuaREPE).

apreciava essa tentativa de busca, mesmo sabendo que não seria uma tarefa fácil”, relata Félix Mula, que, garante, nunca olhou “a pesquisa em causa como científica”. “Não estava muito preocupado em encontrar as respostas. A única certeza da busca foi do encontro com a família Lee, que, quando em Maputo até 1975, trabalhou com o meu pai. Isso foi possível e até hoje mantemos uma relação calorosa e que tenta falar muitas línguas”.

Foi este projeto que, depois, Félix Mula levou ao Prémio Novo Banco Photo 2016. Explica ele: “na residência não havia tempo suficiente para desenvolver o projeto até a um ponto com condições formais para uma exposição. Já quando fui escolhido finalista para o prémio Novo Banco Photo, houve condições que favoreceram o aprofundamento do projeto que culminou com a exposição que esteve patente no Museu Coleção Berardo”.

Em Lisboa, Félix Mula teve vários apoios durante a sua residência, “desde os da ordem logística, o que é geralmente suposto”, até a apoios “durante a preparação e a execução da pesquisa”. “Muita gente. Muitas das pessoas ligadas à CML prestaram-me um apoio inestimável, sem deixar de fora muitas outras, desde artistas, curadores e mais gente ligada às artes em Lisboa”.

O fotógrafo moçambicano rejeita comparar a experiência em Lisboa com outras experiências de residências artísticas que tenha tido antes ou depois. “Acho que não há espaço para muitas comparações, cada qual contribuiu/ contribui de forma diferente para este

meu processo de ainda formação”. “Um, embora abertas, não deixavam de ter aspetos daquelas residências ‘clássicas’. Outras... Mas em Portugal me sentia numa casa que nunca antes tinha ido. A língua, as comidas, um pouco do clima e outros aspetos ajudavam nisso”.

ARTE ‘TÍPICAMENTE’ MOÇAMBICANA?

Aceitando-se como sendo da família das artes plásticas, Félix Mula diz que a fotografia costuma fazer-lhe “companhia”. Isto porque, “quando trabalho, a fotografia ocupa um lugar muito mais de pretexto do que da fotografia propriamente dita”. Gosta de, conforme explica, “usar objetos de vária ordem quando devo dar forma ao meu trabalho, o que às vezes me faz pensar que sou também um organizador de pequenas histórias que coleciono”. Dizer o que é, do ponto de vista criativo, “é uma pergunta não fácil”, remata.

Não me sentido apto em falar de si próprio, onde se situa no contexto da arte contemporânea ‘moçambicana’ – “apenas aparecem-me ideias e as desenvolvo sem pensar num enquadramento específico” – Félix Mula descreve o seu processo de trabalhar no campo artístico, “desde já há alguns anos, como uma forma de experimentação”, mas em direção à tentativa de se perceber a si mesmo, “às vezes aos outros”. “Não consigo me situar num lugar específico, embora haja aspetos que, do ponto de vista nacional, reconheço ter desenvolvido a partir de trabalhos de

alguns artistas moçambicanos”, diz.

O fotógrafo moçambicano parece rejeitar, no entanto, pensar “numa arte ‘típicamente’ moçambicana”. “Vivemos num mundo que tem partilhado muitos ‘problemas’ da atualidade. Acho que se o país estivesse cortado do resto do mundo podia-se notar uma especificidade”, sustenta. Até porque, “hoje, a nova geração tem apresentado umas propostas no campo mais amplo das artes plásticas”, refere, considerando todavia “difícil ter uma opinião clara sobre o estado da arte contemporânea em Moçambique e no relevo que nela tem “a fotografia conceptual, ou seja, a fotografia que, mesmo duma forma restrita, projetou Moçambique” e de que ele é um dos principais cultores.

Sabendo que se fala de uma “arte contemporânea africana”, Félix Mula considera “um pouco controverso ver-se o assunto nestes termos”. “A África é um continente, mesmo com os cruzamentos que os seus países podem entrelaçar. E, na minha opinião, os artistas em Moçambique também não fogem da regra”, adianta, sem deixar de ter em conta que não se pode negar que “desde sempre existe uma tentativa de separação e [de] se falar de: Arte Contemporânea e ‘Arte Contemporânea Africana’, como se apenas pelas suas características a sua proveniência fosse de fácil distinção”. Seja como for, “é uma questão complicada de responder”, até porque “já há estereótipos criados como elementos de reconhecimento da arte feita pelos africanos”.

Feira do Livro de Leipzig Portugal 'País Convidado' em 2021



Portugal é o país convidado da Feira de Leipzig em 2021, segundo uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgada a 15 de março, dia em que foi inaugurada a edição deste ano daquela que é a segunda maior

feira do livro da Alemanha e uma das mais importantes da Europa, em que Portugal teve a sua terceira participação.

Até 18 de março, estava prevista a presença na feira deste ano dos escritores portugueses Almeida Faria, Isabela Figueiredo, Rui Cardoso Martins, Miguel-Manso e Marta Chaves; dos cabo-verdianos Arménio Vieira (Prémio *Camões*, em 2009) e Filinto Elísio; dos brasileiros Bernardo Carvalho, distinguido por duas vezes com o Prémio *Jabuti*, e Ricardo Domeneck, poeta e tradutor que vive em Berlim desde 2002. O escritor e músico angolano Kalaf Epalanga, que vive entre Lisboa e Berlim, era participante esperado numa mesa redonda sobre literatura em língua portuguesa.

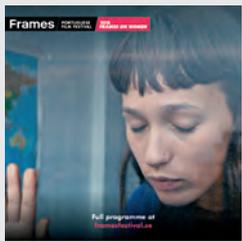
A programação portuguesa contemplou ainda a apresentação da 1ª edição alemã da escritora Hélia Correia (Prémio *Camões*, em 2015), fruto da sua presença em Leipzig, em 2016, e uma conversa com Diana Gomes Ascenso, investigadora da Universidade Livre de Berlim e autora do estudo *Resistência Poética no Estado Novo - A Poesia de Sophia de Mello Breyer Andersen*, sobre a obra da poetisa, "nome maior da literatura portuguesa, que tem apenas uma obra da sua autoria publicada na Alemanha, integrando algumas antologias poéticas".

A coordenação e programação da presença portuguesa na Feira do Livro de Leipzig foram da responsabilidade do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Berlim, nomeadamente da sua conselheira cultural, Ana Patrícia Severino, tendo-se apostado "numa dimensão CPLP [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa], permitindo dar a conhecer ao público alemão o vasto universo da literatura de língua portuguesa".

A presença foi uma iniciativa no quadro da ação cultural externa em que cooperaram a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural/Casa Fernando Pessoa e editoras portuguesas e alemãs.

A presença de Portugal na Feira do Livro de Leipzig, pela primeira vez, em 2016, surgiu no contexto do trabalho desenvolvido pela Embaixada de Portugal em Berlim na área do livro e que envolve iniciativas como o convite a editores alemães para se deslocarem à Feira do Livro de Lisboa, a atribuição de uma Bolsa de Residência Literária, um programa de leituras na Feira do Livro de Frankfurt e um trabalho muito próximo com editores, tradutores e festivais do livro e da literatura na Alemanha.

Frames – cinema português na Suécia



A representação das mulheres no cinema foi o foco este ano do *Frames – Portuguese Film Festival*, organizado entre 15 e 25 de março, pelo quinto ano consecutivo, em Estocolmo, Gotemburgo e Västerås, pela Associação Portuguesa de Jovens na Suécia e a Federação das Associações Portuguesas na Suécia, com o apoio do leitorado do Camões I.P. na Universidade de Estocolmo. No contexto do tema da representação das mulheres no

cinema, o programa do festival apresentou obras de Teresa Villaverde (*Colo*, 2017), João Canijo (*É o Amor*, 2013), Cláudia Varejão (*Ama-San*, 2016), Sérgio Tréffaut (*Fleurette*, 2002), Luísa Sequeira (*Quem é Bárbara Virgínia?*, 2017), Salomé Lamas (*A Comunidade; Encounters with Landscape; Coup de Grâce*, 2012;) e ainda Nick Willing (*Paula Rego – Histórias e Segredos*, 2017). Para além dos visionamentos, a programação registou encontros com Luísa Sequeira e Salomé Lamas e a Secção Competitiva do festival (curta-metragem).

Seis autores de língua portuguesa na Feira do Livro de Bogotá



À semelhança do que vem sendo tradição, Portugal volta a marcar presença na edição de 2018 da Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBO), que decorre entre 17 de abril e 2 de maio próximos.

Desde 2013, ano em que Portugal foi país convidado da FILBO, que este espaço tem sido um palco privilegiado para a literatura de língua portuguesa.

Na edição deste ano está prevista a presença dos escritores portugueses Lídia Jorge, José Luís Peixoto, Inês Fonseca Santos e Matilde Campilho, do cabo-verdiano José Luís Tavares, do moçambicano Mia Couto e da cineasta portuguesa Margarida Cardoso, que participarão em diversas mesas redondas, conferências e leituras relacionadas com o seu trabalho literário a decorrer ao longo dos dias da feira.

Segundo o diplomata Pedro Rapoula, responsável pela área da cultura na Embaixada de Portugal em Bogotá, os mesmos escritores irão participar em seminários e conferências organizadas em parceria com a Cátedra *Fernando Pessoa*, da Universidade de los Andes, dirigida pelo professor de literatura colombiano Jerónimo Pizarro, e com o leitorado de Língua e Cultura Portuguesa, bem como com a Universidade Nacional de Colômbia.

Na FILBO 2018 vão ser apresentados 5 livros de autores de língua por-

tuguesa: *El cielo no sabe bailar solo* (Ondjaki); *El laberinto de la saudade* (Eduardo Lourenço); *La costa de los murmullos* (Lídia Jorge); *Nadie nos mira* (José Luís Peixoto); e *Las Cosas* (Inês Fonseca Santos).

Durante os 16 dias da feira, os visitantes encontrarão mais de 150.000 títulos de todas as categorias e para todos os públicos, que serão distribuídos nos 23 pavilhões de Corferias.

A Argentina é o país convidado da edição de 2018 da FILBO, feira que "tem vindo a ganhar crescente protagonismo internacional" e que tem visto todos os anos crescer a afluência de público.

Na edição de 2017 visitaram a feira ao longo dos seus 14 dias cerca de 520 mil pessoas e registou-se um volume de negócios de cerca de 12 milhões de dólares – sendo a FILBO, neste momento, "o terceiro maior evento literário da América Latina relativamente ao número de visitantes, depois de Guadalajara e São Paulo, o segundo maior em estatuto, e o primeiro em termos de programação cultural".

HISTÓRICO

Nas suas últimas edições, a Feira teve como países convidados o Brasil (2012), Portugal (2013), Peru (2014), Macondo [povoação fictícia do romance *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel García Márquez]

(2015), Holanda (2016) e França (2017).

País convidado em 2013, Portugal investiu cerca de um milhão de euros na sua representação (comissariada por Jerónimo Pizarro), com um pavilhão de 3.000 m², constituído por uma livraria, uma exposição do Turismo de Portugal (*Portugal se Presenta*), uma exposição de arquitetura (*Lisbon Ground*), duas exposições de ilustração (*Como las Cerezas* e *Escritores* por Afonso Cruz), um auditório e um espaço gastronómico.

Mais de uma trintena de autores, editores e críticos literários de língua portuguesa foram convidados, tendo a delegação sido presidida por Vasco Graça Moura, a quem coube discursar na inauguração, feita pelos Presidentes da República da Colômbia e Portugal. Também para a feira foi feito um esforço no apoio à tradução, tendo sido editados mais de 30 livros de autores portugueses por editoras colombianas. Houve ainda um ciclo de concertos, com Maria João e Mário Laginha, Raquel Tavares, Mísia e Ana Moura.

Na edição de 2014, a presença portuguesa ficou-se por um *stand*, mas em 2015, estiveram na feira os escritores José Tolentino Mendonça, Maria do Rosário Pedreira e Afonso Cruz, o editor Paulo Ferreira, tendo tido ainda lugar um concerto da fadista Katia Guerreiro.

João de Melo, Francisco José Viegas, Isabela Figueiredo, Valter Hugo Mãe e Dulce Maria Cardoso e os editores Bárbara Bulhosa e Paulo Ferreira, representaram Portugal em 2016. No ano passado, participaram o sociólogo Boaventura de Sousa Santos e os escritores Afonso Cruz, David Machado e Paulo José Miranda.

Segundo Pedro Rapoula, "sendo este um dos maiores eventos literários da América Latina, a participação portuguesa, ainda que aparentemente modesta, tem contribuído para o aumento do interesse na literatura e na cultura portuguesas, com resultados evidentes na busca pela aprendizagem da língua portuguesa (variante europeia)".

O diplomata destaca também o facto de, "na sequência do investimento na promoção da literatura portuguesa, haver um livro de Afonso Cruz no plano nacional de leitura colombiano e de, anualmente, haver um número crescente de traduções e edições colombianas de autores portugueses".

Inscrições na rede de Ensino Português no estrangeiro até 15 de abril

Até 15 de abril decorrem as inscrições ou as renovações de inscrição dos alunos da rede oficial de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) para o ano letivo de 2018/2019.

As inscrições podem ser feitas em linha (online) pelos encar-

regados de educação no sítio do Camões, I.P. (www.instituto-camoes.pt), que tutela a rede EPE, assim como num boletim em papel, a ser descarregado a partir do mesmo sítio e a ser enviado às coordenações de ensino ou entregue a um professor da rede.

Os cursos de língua portuguesa da rede EPE dos níveis básico e secundário que têm um plano de estudo nos termos do QuaREPE – Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro, permitem a qualificação das aprendizagens, o seu reconhecimento curricular e a certificação dos níveis linguísticos. Os cursos da rede de educação pré-escolar seguem um programa de desenvolvimento de competências da oralidade.

Para uma melhoria generalizada da oferta de cursos da rede EPE dos níveis pré-escolar, ensino básico e secundário, o sistema de inscrição em linha (online) para todos os alunos permite um rápido e global conhecimento das expectativas dos encarregados de educação e uma primeira caracterização dos alunos por nível etário e perfil linguístico, necessário à organização eficaz das turmas em que ficarão integrados.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Luís Faro Ramos
COORDENAÇÃO Vera Sousa
COLABORAÇÃO Carlos Lobato